

Escola do Hospital do Câncer garante o bem-estar dos pequenos pacientes

Além de atividades lúdicas, instituição proporciona a continuidade da educação

No dia 17 de outubro de 1997, Simone Medeiros recebeu a notícia de que seu filho Cauê, de 8 anos, estava com câncer. Na manhã seguinte, um sábado, angustiada, apareceu sem hora marcada no Hospital do Câncer, em São Paulo, com os exames de baixo do braço, aflita para conversar com alguém.

“Não sabia se podia ser tratado, se tínhamos alguma chance”, conta ela. O pediatra Luis Fernando Lopes explicou-lhe, então, que se tratava de um tumor neuroectodérmico (do mesmo tipo que vitimou o cantor Leandro), um tumor agressivo, mas, que se não tivesse atingido outras áreas, havia boas chances de cura. Lopes explicou a situação ao pai e a Cauê, que ficou muito surpreso em saber que tinha um “bichinho” crescendo no peito que precisava ser tirado e depois envenena-

do para não nascer de novo.

“Cheguei aqui tão assustada e fui tão bem acolhida que sempre que vejo novatos, tento conversar com eles para acalmá-los e passar essa experiência”, conta Simone.

Dez meses e 14 sessões de quimioterapia depois, já quase curado, Cauê está careca, com olheiras e mais magro, mas brinca animadíssimo nos videogames da sala de informática da escola municipal que funciona dentro do Hospital do Câncer.

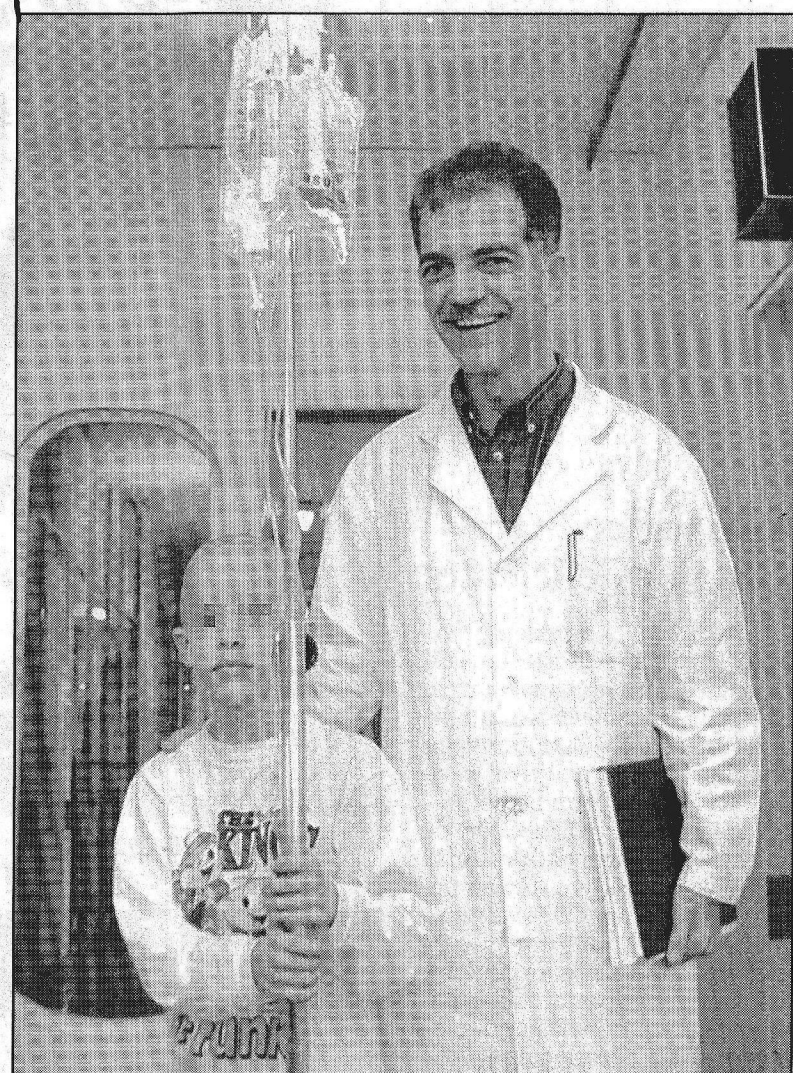
Lazer na UTI – Criada há 11 anos, a escolinha garante às crianças internadas não só atividades lúdicas, mas também a continuidade dos estudos. “Mantemos contato com a escola regular onde a criança estuda e aplicamos aqui o mesmo programa”, explica a professora Tânia Siqueira. Graças a esse trabalho, Cauê pôde fazer todas as provas finais do ano passado e ser aprovado, embora tenha faltado todo o último bimestre porque se submeteu à cirurgia e teve de ficar

hospitalizado.

A escola aplica conteúdos curriculares e reforço escolar para as crianças que ficam dias ou semanas internadas, mas oferece atividades lúdicas a todas, desde as que estão internadas apenas por algumas horas, para um exame, por exemplo, como para as que estão desengainadas, em estágio terminal da doença. Quando a criança não pode ir até a salinha da escola, os professores vão até o quarto ou até a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) para desenvolver as atividades com ela.

“É essencial manter ao máximo a rotina normal das crianças e adolescentes para que eles não caiam em depressão com o tratamento”, destaca Lopes. “Chegamos, às vezes, a planejar a quimioterapia levando em conta as excursões do colégio.”

Além da escola, os internos recebem duas vezes por semana a visita dos Doutores da Alegria, um grupo de palhaços que se especializou em atividades lúdicas para crianças hospitalizadas. (S.B.M.)



Lopes: “É essencial manter a rotina normal das crianças e adolescentes”